

SIMPÓSIO AT072

DA POESIA NO CASTELO AO ESCREVINHAR NA RUA DAS ESTRELAS

GARCIA, Inez Helena Muniz
UFF/RJ
inezhmg@gmail.com

BUZANOVSKY, Angela Maria Puppim
angelapuppim65@gmail.com

FERREIRA, Geane de Figueiredo Porto
UNILASALLE/RJ
geanefp@hotmail.com

ABRUNHOSA, Regina Maria Castro Menezes de
reginaabrunhosa@live.com

Resumo: O presente trabalho discute e analisa a produção de textos de um grupo composto por cinco mulheres, constituído com o propósito de uma motivação e de um compromisso para/com a escrita. O *corpus* do estudo é composto de textos, de gêneros discursivos/textuais diversos (crônicas, poesias, minicontos, haicais, relatos etc.), produzidos a partir de oficinas que denominamos literárias, contendo consignas que contribuam para uma escrita criativa, uma escrita de si. As oficinas possibilitam a leitura, a discussão e que o Outro nos revele a nós mesmos. Do ponto de vista da metodologia, no contexto da análise do discurso verbal escrito de fundamentação bakhtiniana, buscamos evidenciar a cena enunciativa, estabelecendo-se uma relação de escuta do Outro (as próprias participantes do grupo e diferentes autores). Compreende-se que as autoras se colocam em exercício exotópico em relação à própria escrita, em outro lugar, do qual analisam seu passado e sua formação. O referencial teórico utilizado foi Bakhtin (2003) e Freire (1987) partindo-se do pressuposto da linguagem como constituidora da subjetividade. Nos textos, encontram-se marcas de tempos, de afetos, de práticas, que compõem cada maneira de ver o mundo como fundamentais para a constituição de mulheres que escrevem para se deslocarem, que escrevem no ar que lhes falta para dar lugar também à dor, na busca de visões outras, de futuros desejados, possíveis e inéditos viáveis.

Palavras-chave: Escrita de si; literatura; discurso; leitura.

Resumen:

El presente trabajo discute y analiza la producción de textos de un grupo compuesto por cinco mujeres, constituido con el propósito de una motivación y de un compromiso para/con la escritura. El corpus del estudio se compone de textos, de géneros discursivos / textuales diversos (crónicas, poesías, minicuentos, haikais, relatos, etc.), producidos a partir de talleres que denominamos literarios, conteniendo consignas que

contribuyan a una escritura creativa, una escritura de escritura de sí mismo. Los talleres posibilitan la lectura, la discusión y que el Otro nos revele a nosotros mismos. Desde el punto de vista de la metodología, en el contexto del análisis del discurso verbal escrito de fundamentación bakhtiniana, buscamos evidenciar a la escena enunciativa, estableciéndose una relación de escucha del Otro (las propias participantes del grupo y diferentes autores). Se entiende que las autoras se colocan en ejercicio exotópico en relación con la propia escritura, en otro lugar, del que analizan su pasado y su formación. El referencial teórico utilizado fue Bakhtin (2003) y Freire (1987), partiendo del presupuesto del lenguaje como constituyente de la subjetividad. En los textos, se encuentran marcas de tiempos, de afectos, de prácticas, que componen cada manera de ver el mundo como fundamentales para la constitución de mujeres que escriben para desplazarse, que escriben en el aire que les falta para dar lugar también al dolor, en la búsqueda de otras visiones, de futuros deseados, posibles e inéditos viables.

Palabras clave: Escritura de sí; literatura; discurso; lectura

Introdução

O Escrevinhar na Rua das Estrelas foi concebido quase por acaso numa mesa de bar no bucólico bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, no dia 07 de julho de 2018.

Após participar do Sarau Poesia no Castelo, realizado no Centro Educacional Anísio Teixeira – CEAT, um grupo de mulheres niteroienses, reunido de forma casual, decidiu caminhar pelas ruas do bairro até um restaurante recomendado para o almoço. Ali, enquanto aguardavam os pratos pedidos, foram surgindo muitas histórias sobre livros, rodas de escuta, vazios da vida, sonhos e desejos projetados. A proposta para a criação de um grupo de escrita criativa surgiu espontaneamente e ganhou adesão imediata.

Importante ressaltar que as participantes daquele encontro tinham em comum alguma vivência em Biblioterapia, tanto por meio da participação em cursos ou rodas de leitura quanto experimentando a terapia em consultório.

A primeira reunião do Escrevinhar na Rua das Estrelas, naqueles dias ainda inominado, aconteceu na semana que se seguiu ao sarau no CEAT. O local escolhido para o encontro foi a residência de Angela Puppim situada num bairro da cidade de Niterói.

Uma história bastante peculiar e que está no cerne afetivo da criação do grupo, e na forma como foi escolhido batizá-lo, diz respeito exatamente ao local dos encontros. A residência de Angela está localizada em uma rua que, no

passado, se chamou Rua das Estrelas e teve seu nome alterado para homenagear um herói da Guerra do Paraguai. Daí o nome Escrevinhar na Rua das Estrelas e suas participantes tratarem-se reciprocamente de EstreLinhas.

A inspiração e a perspectiva para a criação do grupo de escrita criativa vieram da experiência de vida de cada uma das mulheres, de formações acadêmicas e de trajetórias profissionais diversas, convergindo num movimento de busca pela expressão e pelo acolhimento sem preocupação com qualquer tipo de rigidez de valores literários ou acadêmicos.

Na busca da escrita sem compromissos formais foram descobrindo o poder curativo da palavra, naquele fazer coletivo em que a amizade e o cuidado humano passaram a embalar novas descobertas sobre o outro e sobre si mesmas. Assim, intuíram que ciência ou formação são dispensáveis como fios condutores para a escrita já que esta brota da imprevisibilidade, da incerteza, da insuficiência, da falta, do vazio, do nada, do desconhecido.

1. Metodologia

Cada Escrevinhar, realizado quinzenalmente, é organizado em ambiente preparado para realçar o belo, a “poética do espaço”, com um centro circular na mesa de escrita, com flores, adornos diversos e a imprescindível vela para atizar o fogo da criatividade. Além disso, o paladar, também é aguçado, com quitutes preparados pelas EstreLinhas.

O processo de criação é sempre estimulado a partir de objetos diversos, artísticos ou não, como poemas, prosas, contos, fotos, causos, músicas entre outros elementos. O próprio contato com a pluralidade das produções vai criando um campo de permissão criativa, fomentando a escrita num pacto com a expressão, deixando fluir sentimentos, compartilhando vivências e saberes.

Em um dos encontros, após a leitura inspiradora do texto de autoria de Frei Betto (1985, p.57), a dinâmica proposta foi escolher três palavras de que gostassem e três palavras de que não gostassem e depois redigir frases com as palavras escolhidas.

A seguir, alguns exemplos do que foi produzido. As palavras destacadas foram as escolhidas: “A *leveza* tem asas de passarinho.”; “O som *inigualável* do seu silêncio.”; “A *tolerância* é a máscara do preconceito.”; “Andava por uma trilha pedregosa com um olho preso no abismo e o outro no *medo* de saltar sobre o vazio”.

Outro momento importante da produção literária do grupo foi a elaboração do poema *Estrelaçando*, a seguir transcrito, com estrofes escritas, individualmente, por cada uma das participantes, que constou da Antologia Vicejantes organizada pela biblioterapeuta Cristiana Seixas (SEIXAS, 2018, p.57-58).

Estrelaçando
Fábrica de Escrevinhar
Rua das Estrela nº 28
Local onde seis Estrelindas produzem palavras fiadas a
múltiplas mãos
Remendam palavras cadentes que sofrem por amores perdidos
Cezideiras de palavras não ditas e aprisionadas em cativoiro
de dor
Operárias unem minúsculas palavras estelares
Formam o sonhar e as utopias em Via Láctea
Num firmamento de dor
Tecem palavras que guiam e iluminam a escuridão

Estrelaçando vontades
Surgidas sem intenção
Nascidas entre tantas
Mulheres pensantes
Que em voo só
Aterrissam em estradas
Nunca antes viajadas

Na sala concreta
Da rua sonhada
Mulheres reais gestam estrelas
E tecem ninhos
Com tramas de luz
Para aconchegar escritas de si

Em tempos sombrios
De terra arruinada
E homens toscos
Uma nesga de luz
Desvela a alma feminina
Estrelinhando palavras
Na alquimia poética

Da Rua das Estrelas

Uma noite estrelada
Cruzeiro do Sul, Vênus
Três Marias, Via Láctea
Contemplação de corpos distantes
Viagens de mil anos-luz
Mas
E se as estrelas forem cada uma de nós?
Aqui na Terra...
A essência nos moldando
A vida constituindo nossa voz

Era uma rua meio apagada
Cheia de Barros, a tal Mariz
Não encantava a passarada
Seu entardecer assim tão gris

Lá no vinte e oito surge um dia
A Dona Angel, Pum pim feliz
Convoca brilhos com ousadia
Bailam estrelas com colibris

Mulheres em flor iluminam os fios da linha
Vida escrevinham ao sabor da luz
Já estrelada a ruazinha
Constelação nova agora reluz

Como é possível observar pelo conteúdo acima apresentado, não há qualquer intenção de formatar ou padronizar a escrita, e sim de incentivar a expressão daquilo que se deseja dizer.

2. Outrar-se

Nos encontros do Escrevinhar, têm-se construído espaços e vínculos de afeto que se fortalecem a cada dia. Esse lugar de ouvir, falar e acolher o Outro possibilita o desarmar do medo, da insegurança, da timidez, facultando uma libertação do eu, da escrita de si, de tirar máscaras e defesas, numa exponencial crescente de criações literárias e poéticas. O fazer coletivo vivenciado é prazeroso e provoca nas escrevinhadoras o esperar utopias, inéditos viáveis plasmados na sororidade. Todas as exterioridades e complexidades do mundo afetam e atravessam as EstreLinhas e aguçam o gesto libertário da escrita, uma vez que “o diálogo como encontro dos homens

para pronúncia do mundo, é uma condição para sua real humanização” (FREIRE, 1987, p. 134).

Com o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2003), compreendemos esse espaço dialógico dos escrevinhares também como um lugar de embates. Esses encontros, sem apagamentos das vozes, possibilitam a compreensão da realidade social, visto que os discursos são pensados em relação a um contexto maior, que é a realidade, lugar em que se trava a luta ideológica pelo poder.

Os discursos de ódio, de intolerância, de opressão, com os quais nos deparamos hoje, não ficam alheados às nossas discussões. A compreensão é também dialógica, “é preche de resposta” (BAKHTIN, 2003, p. 271). Se cabe a nós uma resposta, respondemos escrevinhando(nos) É exatamente nas fronteiras entre essas minhas palavras e as palavras do outro que se dá a luta ideológica e os sentidos se constroem.

Parafraseando o professor José Miguel Wisnik, na palestra de encerramento do Seminário Arte, Palavra e Leitura, em que afirma que “na literatura, a identidade se dá pela alteridade”, para nós, EstreLinhas, o Escrevinhar na Rua das Estrelas é uma possibilidade de outrar-se.

3. Das (in)conclusões

Como afirma Queirós (2007, p.40):

“As palavras podem abrir feridas, mas também cicatrizam as chagas. A palavra não sangra, a palavra cura. A palavra liberta a dor. E quando escrita, a dor nos pacifica. A palavra é flor fechada quando dentro de nós. Escrever é deixar a flor se abrir.”

Ao buscarmos abrir-nos em flor, como resultados, que têm expressão tanto no campo concreto quanto no simbólico, houve a publicação de textos das participantes do grupo, individuais e coletivos, em duas antologias (SEIXAS, 2018; MARTINS, 2018), a realização de um sarau literário aberto e, quinzenalmente, movimentos de cura de si e do outro por meio da força da palavra, em que sentimentos são expostos e vivências compartilhadas. Muito choro, muito riso, concordâncias e discordâncias que fortalecem a

cumplicidade encontrada no olhar de nossas iguais-diferentes. O próximo passo é a assessoria e o compartilhamento da metodologia em grupos e movimentos sociais populares de mulheres, uma vez que a literatura é instrumento de luta e de conquista.

“A literatura é, não serve, mas falta”, escreveu a professora e escritora Nilma Lacerda, em maio de 2019, em seu Instagram. Nessa perspectiva, em tempos de alteridades ameaçadas, de temores com um devir crítico, a literatura só tem a contribuir para novos processos de subjetivação que privilegiem a singularidade na coletividade e criem atalhos na busca de visões e de construções de futuros desejados, de possíveis e desejados inéditos viáveis como nos ensina Paulo Freire (FREIRE, 1987).

Somos utópicas? Afirmamos que não! Abrimos nossas flores e nesse cálice, onde o real e a fantasia se misturam e se separam, nos nutrimos de sonhos, lutas, esperanças porque acreditamos que “um outro mundo é possível”.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BETTO, Frei. **O dia de Ângelo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Martins, Gonçalo. **Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea**: Além da Terra, Além do Céu. Lisboa: São Paulo: Chiado, 2018.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Para ler em silêncio**. São Paulo: Moderna, 2007.

SEIXAS, Cristina (org). **Vicejantes**. Série Coleção Biblioterapia Vol.4. Niterói: Cândido, 2018.